

## **GT 11- RESISTÊNCIAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO CONTEXTO DE CRISE: ALTERNATIVAS DA PRODUÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E CONSUMO EM REDE**

**Diogo Ferreira de Almeida Rêgo (IFRN)  
Ivette Tatiana Castilla Carrascal (UNILAB)**

A economia solidária tem se mostrado como uma alternativa para trabalhadores e trabalhadoras brasileiras, seja como alternativa ao desemprego, seja como possibilidade de terem maiores ganhos num trabalho coletivo, autogestionário e democrático. Além de vivenciar a construção de um novo modelo econômico e de desenvolvimento, com isso se nega a separação entre o político e econômico.

Muitos empreendimentos ainda se articulam entre si, formando redes, para potencializar suas ações. É na participação em redes onde melhor se percebe o forte engajamento político nos empreendimentos. As redes de economia solidária são muitas vezes consideradas com um caráter duplo, algumas predominantemente políticas e outras predominantemente produtivas ou comerciais.

Porém há um desequilíbrio na participação dessas redes. Os empreendimentos econômicos solidários (EES) se articulam muito pouco no âmbito econômico. Segundo dados do Mapeamento Nacional da Economia Solidária realizado, entre 2010 e 2012, somente 17,7% dos empreendimentos se articulam em redes de produção, comercialização, consumo e crédito, enquanto isso, segundo o mapeamento, a maioria dos empreendimentos participa de redes políticas como movimentos sociais, conselhos, dentre outros.

Essa baixa articulação econômica se reflete na baixa remuneração mensal que tem seus trabalhadores. Cera de 30% alegaram não remunerar os associados que nele trabalham e 55% informaram que não conseguem pagar sequer um salário mínimo ao seu trabalhador. Ainda que com base nesses dados, apenas 17% do EES alegaram possuir alguma sobra (correspondente ao lucro numa empresa) no exercício contábil anterior à realização da pesquisa.

Vale ressaltar que no período da pesquisa, o país atravessava um crescimento econômico estável, diferente do período atual, que além da crise, que o país já vinha enfrentando, o mundo passa por uma pandemia e os desafios postos são outros, tanto no presente como para o período pós-pandemia.

As exigências do isolamento social interditaram as possibilidades de encontro e comprometeram a continuidade de processos socioeconômicos, como por exemplo o fechamento de espaços fixos de comercialização, as feiras e, em geral, a interrupção de diversos fluxos da economia solidária. Mas a crise da economia solidária é anterior à pandemia, à qual já estava sofrendo com a ascensão do ultra neoliberalismo, do populismo autoritário e o aprofundamento das desigualdades. Não obstante, é neste momento de crise do coronavírus onde tem se reafirmada a necessidade, a urgência e a oportunidade para construção de um novo sistema econômico ao qual a experiência recente da economia solidária tem muito a contribuir. E assim o momento atual reposiciona a economia solidária como protagonista das alternativas contra as crises, renovando a importância do conhecimento.

Na atualidade, se faz necessário investigar como que as mulheres e homens da economia solidária reagiram frente ao enorme desafio posto, seja pela desconstrução de políticas públicas inclusivas, seja pelo isolamento social, seja pela necessidade de novos padrões de consumo e ou mesmo a necessidade de os seres humanos repensarem seus modos de produção, comercialização e consumo. Mas, ao mesmo tempo, novas

oportunidades surgiram com a demanda por produtos saudáveis, justos e solidários. Seja pelo aporte de recursos advindos dos benefícios sociais.

Diante do exposto, o GT tem como objetivo discutir pesquisas que reflitam sobre as resistências que a economia solidária tem enfrentado, especialmente nos últimos anos, no atual cenário de crise econômica, política, sanitária, ambiental e social. Estamos interessados em refletir a partir das práticas, das experiências dos empreendimentos e suas redes e das contribuições teóricas que refletem sobre o contexto atual de aumento na escala fascista no país, da pandemia e da crise econômica e ambiental.

Nesses últimos 30 anos no Brasil, se avançou na identificação de tais empreendimentos. Tem sido em momentos de crises em que esses empreendimentos têm se reorganizado e, em muitos casos, fortalecido suas ações. Mas especialmente neste período de pandemia, vemos como os desafios têm sido enfrentados como iniciativas locais, em redes e coletivos.

Queremos conhecer então, pesquisas que reflitam sobre essas resistências e estratégias que têm sido pensadas e que já estão em ação frente aos desafios atuais da economia solidária no sul global, especialmente no Brasil e na América Latina. Pesquisas sobre os diversos tipos de coletivos, empreendimentos, grupos de produção agroecológica, circuitos curtos e redes de produção, comercialização e consumo, entre outros pontos.

Sendo assim, é importante que este GT receba trabalhos que tratem de: os principais desafios enfrentados na produção, comercialização e consumo dos empreendimentos; a organização em rede na economia solidária e até que ponto ela tem contribuído para o fortalecimento dos grupos; a contribuição da economia solidária no combate à pandemia e nas saídas para a crise que se instala no país; os aprendizados desse período para o fortalecimento dos empreendimentos; se as dificuldades dos empreendimentos são as mesmas de antes; e por fim, como o atual contexto tem influenciado os empreendimentos de economia solidária a se organizarem e criarem resistências.